JOSÉ MÁRIO SILVA

O CADERNO PERDIDO

parsifal

ÍNDICE

O caderno perdido de Nikola Tesla 13
Rua dos Pedidos 23
Hápax 27
O frigorífico 29
Grandes figuras desportivas da nossa terra 33
A mala 47
Samsa 53
Welwitschia mirabilis 55
Três sílabas de plástico 59
Dupont Circle 61
A piscina insuflável 69
O fim da estrada 75
Araucária 77
Grafia 79
Hexágono 81
Gibraltar 95
Petricor, estrume, lavanda 99
Pesadelo 105
Entrevista de emprego 113
Como desenhar um quadrado. 115
A linguagem do frio 119
Tentativa de esgotamento de um lugar marciano 123
Aldeia Olímpica 129
Uma saca cheia de andorinhas 139

Parêntesis 141
Nefelibatas Anónimos 143
O caderno de Anna Magdalena Ordóñez. 149

Direito de resposta 157
Nota bibliográfica 159

O CADERNO PERDIDO DE NIKOLA TESLA

Para Vanja Ratković

1. Zagreb, 10 de Julho de 2006

Passam poucos minutos das três da tarde. Esplanada do Mala Kavana. Uma chávena de café (vestígios acastanhados de açúcar no fundo); copo com a linha de água a menos de meio; espirais de tinta azul no guardanapo de papel; o romance de Roberto Bolaño pousado com a capa para baixo. Cheguei meia-hora mais cedo. Chego sempre meia-hora mais cedo. Não gosto que esperem por mim. Prefiro ser eu a esperar. Instalo-me, preparo-me, faço o reconhecimento do terreno. Evito surpresas.

A luz que desaba sobre a praça torna quase branco o céu azul. A praça é tão comprida como o nome que lhe deram: Trg Bana Josipa Jelačića. As pessoas atravessam-na em passo de corrida, na diagonal, fugindo do calor. Só aquela mulher que empurra um carrinho de bebé, tapado por uma fralda, é que não. Demora-se, chega a parar junto à estátua do cavaleiro de sabre apontado ao horizonte, como se soubesse que eu a observo. E eu observo-a, de facto, enquanto finjo escrever qualquer coisa (espirais de tinta azul no guardanapo de papel).

O que nela me atrai são as mãos. A forma como agarra os punhos do carrinho. A forma como limpa delicadamente, com um lenço de cor malva, o suor da testa. Aquelas mãos são iguais às de Lucija. As mãos de Lucija espalmadas no meu peito, a oscilação das suas ancas na penumbra do quarto, a minha língua na sua pele (saliva, hieróglifos), os meus dentes ao de leve nos mamilos duros, as mãos de Lucija (uma em cada boca, gemidos). Não, as mãos de Lucija eram outra coisa, nada a ver com esta mãe recente que agora acelera por fim, desaparecendo na esquina da rua Radićeva.

Os pombos. Reparo nos pombos, o seu voo circular um pouco acima dos telhados. Há muitos anos, um amigo disse-me que os pombos são sempre os mesmos em qualquer parte do mundo. Os pombos de Zagreb são os pombos de Lisboa ou de Paris, são os pombos da cidade de onde vieste. Eles seguem-te para todo o lado, como a Lua solitária sobre a paisagem (sempre a mesma Lua), quando atravessas um país de lés a lés durante a noite. O meu amigo gostava de dizer estas coisas pelo simples gozo do paradoxo, ou da incongruência. Talvez por isso já não seja meu amigo.

Três e meia. Peço outro café e outro copo de água, com gelo. No meu relógio, o ponteiro dos segundos arrasta-se. O guardanapo de papel, completamente desdobrado, parece o mapa de um país à mercê de um castigo bíblico (mil furacões simultâneos). No outro lado da praça, saindo da rua Jurišićeva, alguém acena na minha direcção. Um chapéu de palha com uma fita púrpura.

Reconheço o sinal. É ele, finalmente. O Sr. V traz consigo uma pasta de couro, pesada, com fechos brilhantes. Aperta-a com força, muita força. Como se temesse um roubo por esticão. Como se lá dentro trouxesse um tesouro mais valioso do que as próprias Tábuas da Lei.

2. Paris, 12 de Dezembro de 2000

«Assim», disse Lucija, desenhando um rectângulo no ar, com os dedos. «Pequeno, capa dura, papel quadriculado. No princípio e no fim, há umas quantas dezenas de páginas cheias de equações e esquemas complexos, um emaranhado de ideias científicas que só ele, Nikola Tesla, deveria ser capaz de compreender. Tesla raramente tirava notas, como bem sabes, mas naquele Verão de 1942, aos 86 anos, com o equilíbrio mental em frangalhos, pôs-se a escrever uma espécie de testamento e é esse texto que ocupa as páginas centrais do caderno, à espera de ser decifrado.»

Caminhávamos pela *rue* de Rennes, de frente para a Torre Montparnasse. No passeio, restos de neve misturados com lama. «Por que me contas tudo isto?», perguntei-lhe. Ela estugou o passo. Em Outubro de 1942, numa manhã em que Tesla saíra para alimentar os pombos em Central Park, um empregado do Hotel New Yorker apropriou-se do caderno. Mais tarde, já depois da morte daquele estranho hóspede e de as autoridades terem levado todos os seus papéis (mesmo os que

estavam dentro de um cofre), o empregado apercebeu-se da fama de Tesla e quis fazer dinheiro. Ao seu melhor amigo, confessou ter vendido o documento – «com fórmulas matemáticas no princípio e no fim, a tinta preta, mais um texto numa língua esquisita [provavelmente servo-croata] nas páginas do meio, a tinta azul» – por cem dólares. O comprador não se quis identificar. «Hoje o caderno tem um valor incalculável», rematou Lucija.

Junto ao carro, ficámos parados enquanto ela vasculhava o fundo da sua mala de mão. Com um silvo e um piscar de luzes, destrancou as portas. «Por que me contas tudo isto?», repeti. E ela: «Porque me vais ajudar a descobrir o que raio teria Nikola Tesla para nos dizer no misterioso testamento. Talvez fosse apenas mais um dos seus delírios, tipo Raio da Morte ou uma técnica qualquer para a transmissão mental de imagens, mas também podia ser a chave para o velho sonho de obter energia em quantidades inesgotáveis, gratuita, acessível à Humanidade no seu todo. Enfim, depois de algumas *démarches* nem sempre evidentes, acho que não falta muito para encontrar quem saiba onde o caderno está. Ou então quem seja capaz de provar que ele já não existe – o diabo seja cego, surdo e mudo. Ouve bem: dentro deste envelope há uma *pen*; e, dentro da *pen*, uma pasta chamada NT. Os ficheiros contêm todas as informações relevantes que reuni nos últimos sete anos. Além de mim, só tu é que os lerás. Porque preciso mesmo da tua ajuda, sabes. Sinto-me incapaz de avançar nisto sozinha. E sei que não vais fugir como da outra vez, pois não?»

Quando abriu a porta do *Volkswagen Polo*, Lucija ainda mantinha o sorriso irónico. Passou-me o envelope pardo, sentou-se ao volante, abriu a janela, fez um gesto ambíguo com a mão e arrancou. Vinte horas depois, reencontrei-a na morgue, junto às outras quatro vítimas mortais de um choque em cadeia no *Périphérique*, causado pela formação de placas de gelo no asfalto.

3. Lisboa, 27 de Outubro de 1993

«Os pombos são sempre os mesmos em qualquer parte do mundo», disse Fred, enquanto olhava um bando em voo sobre o Rossio. Atrás das nuvens, o sol parecia uma moeda lisa, muito brilhante de tão gasta. Ele acabara de me falar, pela primeira vez, de Nikola Tesla. «Conheces?» Não conhecia. E então contou, visivelmente satisfeito, a história fulgurante de um génio, desde o nascimento numa aldeola remota do Império Austríaco, à meia-noite em ponto do dia 10 de Julho de 1856, durante uma trovoada e com a electricidade dos relâmpagos a iluminar o parto, «pelo menos é o que diz a lenda», até à morte na miséria, solitário e enlouquecido, num quarto do trigésimo terceiro andar de um hotel nova-iorquino. Os pormenores, conheci-os mais tarde: a rivalidade com Edison, as centenas de patentes, o projecto da primeira central hidroeléctrica (nas cataratas do Niágara), a amizade com Mark Twain, as experiências na Torre de Wardenclyffe, a excentricidade (aversão à textura das pérolas; nojo de

tocar outras pessoas, sobretudo no cabelo; obsessão pelo número três e seus múltiplos), a megalomania, as ideias muito à frente do seu tempo (comunicação sem fios, radar, *lasers*), os dias de glória e os de ruína. Naquela tarde, Fred desenhou-me apenas um esboço de Tesla, uma silhueta. E depois prometeu apresentar-me, ao jantar, uma amiga croata que viera a Lisboa proferir uma conferência precisamente sobre Tesla, o «compatriota genial» (embora os sérvios talvez preferissem que ela usasse aspas na palavra compatriota). «Como é que se chama?», perguntei. «Lucija», respondeu Fred. «Acho que vais gostar dela.»

4. Nova Iorque, 19 de Agosto de 2002

Pareceu-me que ainda havia cinzas no ar, naquela manhã quente, mas podia ser só sugestão. As cinzas de Setembro numa manhã de Agosto. Apanhei um táxi e saí na Oitava Avenida. Umas semanas antes, reservara a suíte 3327 do Hotel New Yorker. Não imaginava que fosse possível dormir no mesmo quarto em que Nikola Tesla viveu os seus dez últimos anos, mas é. A decoração mudou, claro. À janela, fumando um cigarro, imaginei o velho cientista, rodeado de pombos. Os pombos que ele alimentava religiosamente e lhe faziam companhia. De entre estas aves, destacava-se uma pomba, toda branca e cinzenta na ponta das asas. Muito esperta, seguia-o para todo o lado. Era a sua preferida. Os dois adoravam-se. Um dia,

a pomba entrou pela janela e Tesla, conforme contou mais tarde, percebeu imediatamente que ela estava a morrer. Uma luz intensa saía-lhe dos olhos. Nas suas palavras: «uma luz verdadeira, poderosa, tão encandeante que cegava, uma luz mais forte do que a produzida pelas lâmpadas mais potentes do meu laboratório.» Todos os biógrafos concordam que a morte da pomba foi um momento capital. Depois disso, destroçado pelo desgosto, perdeu a vontade de viver e deixou-se afundar lentamente na indigência.

Só dormi uma noite na suíte 3327 do Hotel New Yorker. O contacto americano que constava das notas de Lucija faltou ao encontro em Times Square. Na manhã seguinte, outra manhã quente, apanhei o avião de regresso à Europa. A caminho do aeroporto John F. Kennedy, senti de novo as cinzas no ar.

5. Roma, 5 de Julho de 2006

O Sr. G é afável. Sessenta anos, talvez. Fato escuro, cabelo grisalho, puxado para trás com esmero e brilhantina. Convidou-me para jantar num restaurante sofisticado, perto das termas de Caracalla. Excelente comida, vinho do melhor: uma refeição digna de um imperador romano. Por alturas do café, já tínhamos chegado a acordo. A verba a transferir, as garantias, tudo. Será que se justifica tanto dinheiro por um caderno barato, mal cosido, com folhas soltas? O Sr. G sorri. «O fetichismo

é um pecado menor, acredite. Ninguém vai para o Inferno por causa disso. E já vi homens ilustres perderem a cabeça por objectos muitos menos dignos.»

Baforadas de charuto. O Sr. G oferece-me um, evidentemente cubano. Eu recuso. Quero saber por que não me entregam a *encomenda* já. O Sr. G parece divertido com a minha ansiedade. «Nada de pressas, cada coisa a seu tempo, meu caro.» E passa-me um envelope. Lá dentro, um cartãozinho rectangular, manuscrito: «Esplanada do Mala Kavana, Trg Bana Josipa Jelačića, Zagreb, 10 de Julho, 15h30.»

Não escondo o meu espanto. Porquê 10 de Julho? Porquê Zagreb? O Sr. G faz um ar vagamente desiludido: «Ora, ora, ora. Porquê 10 de Julho? Sejamos solenes, quando a solenidade é necessária. Por muito que não goste de efemérides, sempre são os 150 anos do nascimento, caramba! Uma procura tão longa e difícil merece terminar numa data redonda. Quanto a Zagreb, bom, não vou mentir: a pessoa que está neste momento na posse do caderno é um croata proibido de abandonar o país, não me pergunte porquê. Ele próprio lho entregará em mãos. O Sr. V diz que usa sempre um chapéu de palha com uma fita púrpura. Não será difícil reconhecê-lo.»

O Sr. G é um imbecil. Um imbecil a mando de imbecis, entretido com joguinhos imbecis. Mas agora não há nada a fazer. Faltam cinco dias para cumprir uma promessa. Faltam cinco dias para sair do labirinto. Penso nas mãos de Lucija, no seu corpo, na minha infinita cobardia, no esforço para abrir, tão sem jeito, a porta da redenção.

Tenho frio, a boca seca. Limpo os lábios, pouso o guardanapo, guardo o cartãozinho no bolso do casaco, levanto-me, murmuro «muito bem, lá estarei», cumprimento o Sr. G (que já esmagou o charuto no cinzeiro de loiça) e viro-lhe as costas.

PESADELO

22h47

– Que foi?

– Que foi o quê?

– Essa cara.

– Sim?

– É uma cara zangada, a fingir que não está zangada.

– E que razões teria ela, a minha cara, para estar zangada?

– Diz-me tu. Será do cigarro?

– Não sabia que tinhas voltado a fumar.

– Não voltei.

– Então o que é isso?

– Um cigarro. Um. Uma unidade. Fumo um cigarro por dia, dois no máximo.

– Algum motivo?

– Queres mesmo saber?

– Quero.

– Talvez seja o mesmo motivo que te fecha a cara quando eu menos espero e te faz partir os copos de vinho quando lavas a loiça.

– Escapou-me da mão. Acontece.

– Eu sei. De há uns tempos para cá escapa-te muita coisa.

– Que queres dizer com isso?

– Quero dizer o que disse. Escapa-te muita coisa.

– Por exemplo?

– Não sei se quero ter esta conversa agora.

– E depois sou eu que não sei dialogar, depois sou eu que me fecho e não sei quê.

– São coisas diferentes, Jorge. Acho que não estás a perceber.

– Eu nunca percebo nada, não é?

– Não foi isso que eu disse.

– E se eu tiver coisas importantes para te dizer?

– Tens?

– Se calhar, tenho.

– Então porque não dizes?

– Porque estás a fumar à janela, a olhar para fora. E o que tenho para te dizer é para ouvires cá dentro, a olhar para mim.

– Ok, ok, passa-me o cinzeiro. Vamos para a sala. É melhor assim. Eu também tenho uma coisa importante para te dizer.

17h23

Jorge sai do café e caminha na direcção do Terreiro do Paço. Três imperiais é o limite. A meio da Rua da Prata

há turistas a olhar para o homem-estátua. São observadores embevecidos e sorridentes, os turistas. Apreciam a arquitectura e a calçada portuguesa, consultam os guias que falam de 1755 e do Marquês de Pombal. Quem se dirige para o rio nem repara neles. Há um autocarro para apanhar, ou um barco quase a partir. Jorge olha para os companheiros de caminhada, estes homens barrigudos com gravata às riscas e raparigas gastas pela rotina, seres exaustos, sem brilho, e de repente inveja-os, gostava de ser um deles, gostava de repetir estes passos sempre iguais, todos os dias, por muitos e muitos anos, indiferente aos reflexos da luz da tarde na fachada dos prédios, indiferente às cores do Tejo e ao espectáculo das nuvens sobre a Ponte 25 de Abril, indiferente a tudo o que há de belo no mundo, só com a ideia fixa de chegar a casa e ver umas horas de televisão e comer e dormir e depois acordar para mais um dia igual a todos os dias. No Cais das Colunas, Jorge senta-se a olhar o céu. Há muito tempo que não olhava o céu. Agora pode dar-se a esse luxo. Pelas janelas do autocarro parado no semáforo, vê as raparigas gastas pela rotina e os homens barrigudos com gravata às riscas. Lá vão eles, sentados nas cadeiras de plástico, a fazer *scroll* nos seus telemóveis. Ridículos. Gloriosos. Inalcançáveis.

16h54

Amarela ou roxa? Sofia está indecisa. Sabe que não deve gastar dinheiro à toa. E menos ainda a partir de hoje.

Mas uma blusa em saldos é uma blusa em saldos, 40% de desconto, baratinha até. Se estivesse aqui, a Cristina ajudá-la-ia a escolher. O Jorge, não. O Jorge encolheria os ombros, entediado de morte, diria «ficam-te as duas bem, tanto faz», diria «vá lá, despacha-te», uma pressa a esvaziar-se logo depois, diante dos plasmas na loja de electrodomésticos («estou só a ver, estou só a ver»). Roxa ou amarela? O mais certo é ele nem reparar na blusa nova. Mais depressa dará conta do cigarro fumado depois da sobremesa (gelado de baunilha, marca branca), quando apetece abrir uma janela para que entre o ar fresco da noite. Sofia sabe que Jorge vai implicar com o cigarro e sabe também que ele não se lembrará de lhe perguntar como correu o dia no trabalho. A bem dizer, há quanto tempo deixou de fazer essa pergunta? Tem de tomar uma decisão. Vê as horas no telemóvel. Quase cinco da tarde. Gosta mais da roxa. É a roxa. Mas no último instante volta a hesitar. Repete mentalmente as palavras que ouviu de manhã, as palavras que ficaram em *loop* na sua cabeça. Olha uma última vez para as blusas, larga a amarela, encosta a roxa ao peito e por fim deixa também esta em cima do mostrador. Sorri a uma das empregadas que está junto de uma das cabinas de prova, de braços cruzados, a controlar o movimento, pega na mala a tiracolo e sai da loja.

11h31

Quando o chefe de Jorge começou com a lengalenga da crise, e das dificuldades do sector, e do contexto internacional adverso, e da necessidade de racionalizar os custos, e das contingências que obrigam a decisões drásticas, e outras balelas do mesmo tipo, ainda por cima aprendidas à pressa, coladas com cuspo, quando o chefe fez aquela cara de quem pede desculpa por antecipação, todos os alarmes mentais dispararam ao mesmo tempo. Ele trabalhava na empresa há oito anos. Fora o próprio Sr. Henriques, o fundador, que o entrevistara naquele gabinete. Lembrava-se agora do cheiro a água-de-colónia que emanava do primeiro patrão, o pai deste outro Sr. Henriques que se prepara para o despedir. Os circunlóquios continuam por mais dez minutos. Jorge sente-se como o cavalo ferido de morte, à mercê de um dono que parece ter medo (ou vergonha) de o abater. Por fim, a verdade. Ao sair para a rua, Jorge só se pergunta como há-de explicar a Sofia o que acabou de acontecer.

10h49

Mal entrou ao serviço, às nove em ponto, Sofia estranhou o silêncio no escritório. Ligou o computador, consultou os *e-mails* (nada de urgente), actualizou o Facebook com um vídeo de uma ventania que levou um cavalo pelos ares, ligou à mãe a perguntar se tomara os comprimidos,

foi à casa de banho e ao café. Quando voltou, a estagiária veio dizer-lhe, baixinho, como se fosse um segredo: «O dr. Abel quer falar contigo.» No elevador para o terceiro andar, sentiu o primeiro formigueiro na ponta dos dedos. O dr. Abel pediu-lhe que se sentasse. Era um homem atarracado, sem pescoço, muito feio, mas simpático. Só pela forma como lhe apontou a cadeira, ela soube logo o que a esperava. Uma hora depois, continuava demasiado pálida, à beira do desmaio. Deram-lhe o resto do dia. Ela que fosse para casa descansar. Haveria tempo até ao fim do mês para arrumações e acertos de contas. «O que é que eu faço agora?», perguntou-se Sofia. Tentou imaginar a cara do Jorge quando lhe desse a notícia. Não fazia ideia de qual seria a sua reacção. Merda. Merda. Merda. «Porquê eu? Porquê agora?» Já se sentia a mergulhar na espiral da depressão, um caminho conhecido. Por isso lembrou-se da Cristina. Talvez ela pudesse almoçar no centro comercial. E talvez até a convencesse a ir às compras. «Ando mesmo a precisar de uma blusa nova.»

07h30

O despertador toca. Jorge dá-lhe uma pancada seca e depois espreguiça-se. Sofia está de pé, junto à janela.

– Acordaste mais cedo?

– Sim.

– Então?

– Tive um pesadelo.

– Queres contar?

– Não.

– De certeza?

– De certeza.

– Porquê?

– Porque se te contar, pode tornar-se realidade.

– Acreditas mesmo nisso?

– Não. Eu só acredito que tenho de estar no escritório às nove em ponto. Não posso correr o risco de chegar outra vez atrasada.